

FREITAS Isabelle Ingrid. **Patrimônio Popular do São João em Asturias.** Gijón: INCUNA. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Professora efetiva de dança. Atriz e roteirista.

RESUMO

O trabalho aborda a importância do patrimônio cultural espanhol, evidenciando a região asturiana por meio do grupo de dança Aires de *Asturias* e Grupo *Folklórico Corri-corri*, que resgatam e preservam a memória da cultura popular na Espanha. A dança vem sendo conservada através dos tempos pela geração familiar e o envolvimento da comunidade. A investigação se deu mediante observações dos ensaios e registros audiovisuais. Assim, o presente artigo investiga a manifestação folclórica que se expressa por meio das danças chamadas *Danza Prima* (Dança Prima) e *Corri-corri*. A intenção é pesquisar as coincidências e diferenças dos rituais juninos em respeito às tradições nordestinas brasileiras e ao acervo ibérico do Noroeste espanhol.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio. Cultura popular. São João em *Asturias*. *Corri-corri*. Dança Prima.

RESUMEN

El trabajo aborda la importancia del patrimonio cultural de España, evidenciado en el Principado de Asturias a través del grupo de danza Aires de Asturias y el Grupo Folklórico Corri-corri, que rescatan y preservan la memoria de la cultura popular en España. La danza es conservada a través de las generaciones dentro de la tradición familiar y la participación de la comunidad. La investigación se efectuó durante la observación de los ensayos y registros audiovisuales. Este artículo investiga la manifestación folklórica que se expresa a través de las danzas llamadas *Danza Prima* y *Corri-corri*. La intención es investigar las coincidencias y diferencias de los rituales de San Juan de tradición nordestina brasileña y el acervo ibérico del Noroeste español.

PALABRAS-CLAVE: Patrimonio, Cultura popular, San Juan en Asturias, *Corri-corri*, Danza Prima.

A *Danza Prima* (dança prima) é uma dança folclórica de manifestação popular com característica circular, incluindo nela também o canto coral,

estando presentes a castanhola e o pandeiro em sua composição musical, com a formação, a princípio, de pares em fileiras. A estudiosa Yolanda Cerra (1991) aborda o nome desta dança tal como é conhecida na região de Asturias¹, caracterizando-a como uma dança festiva do *San Juan*, *San Pedro* ou *Santa Ana*. Segue uma imagem do ensaio do grupo Aires de Asturias:

Figura 1: *La Danza Prima*



Foto da autora, realizada em 21.06.2017.

Segundo Cerra (1991), a dança se preserva principalmente em Asturias nas cidades de Llanes, Mieres e Avilés. Em Cadavedo (Valdés), o padre chamado Galo Fernán-Coronas foi o grande impulsionador da festa *La Regalina*, para a qual compôs várias canções para as danças, dentre elas uma que falava sobre a Virgem. Segue um trecho da canção, que está em língua asturiana:

Nuesa Señora de Riegla
aquí te tremus el ramu
todu ll en de cintas pintas
de cintas y' escapulairus.
Ay, qué armosidá de ramu!
Ay, qué cintas de colores!
Ay, qué roxas anfiladas
Ay, qué riduca de amores!(CERRA, 1991, p.108)

¹ Asturias foi região de um povo que habitou desde a pré-história até o século I a. c., quando foram colonizados pelo Império Romano com costumes, línguas e riquezas próprias.

O tema primordial da dança é o amor, a presunção de alguma donzela. A estrutura coreográfica pode ser distinguida em dois tipos, uma estrutura aberta, localizada no oriente e outra de estrutura fechada, em torno da fogueira. Segundo D'Amorim e Araújo (2003), ao redor da fogueira, civilizações extintas, a exemplo dos antigos povos celtas, prestavam culto aos seus mortos, aos seus deuses. De acordo com Cascudo (2012), o jesuíta Fernão Cardim, no século XVI, registrou festas religiosas portuguesas celebradas pelos indígenas com bastante alegria – principalmente a do santo São João, profeta bíblico que batizou seu primo, Jesus, nas águas do rio Jordão – por causa da fogueira, ao redor da qual faziam brincadeiras, como saltar por cima da brasa sem queimar a roupa.

Ainda hoje, de acordo com D'Amorim e Araújo (2003), o ciclo junino se configura pelas danças e músicas tradicionais, como coco de roda, ciranda, baião, xaxado e quadrilha; pelas comidas típicas da época; pela celebração de missas; pelo colorido dos balões e bandeirolas e pela intensa participação da coletividade no evento. As autoras apontam que a indumentária feminina sofreu inovações, adquirindo sofisticação ao serem confeccionadas com tecidos variados e mais finos, como a popelina, o filó, o veludo e enfeitado de rendas, porém, sua tradição vem sofrendo alterações, especialmente visto com o aproveitamento para a dança de roupas próprias de outras culturas, como as utilizadas por ciganas e odaliscas. A seguir algumas imagens do festejo realizado no corrente ano:

Figura 2: Festejos juninos brasileiros do Rio Grande do Norte



Fonte: <<https://goo.gl/YpbGJN>>.

D'Amorim e Araújo (2003) explicam que, na primeira metade do século XIX, devido à grande apreciação, a quadrilha foi importada dos salões europeus para as colônias portuguesas e espanholas, sendo criadas a partir de então muitas variações, chamadas *Quadrille des Lanciers*, *Quadrille Croisé*, *Quadrille American*, *Quadrille das Familles*. Quando a dança chega ao Brasil, na época da Regência, os mestres franceses de orquestra Milliet e Cavalier executavam músicas do maestro L. F. Milliet para festejos nos salões de D. Pedro I. Os termos “caipira” (no Centro-Sul) ou “matuta” (no Nordeste) estão relacionados à gente do mato, que trabalha na zona rural. Além disso, alguns nomes dos passos de dança da linha francesa foram incorporados à realidade local e reinventados para o gênero popular brasileiro, como se pode ver no Quadro 1:

Quadro 1: Passos de dança em francês – correspondência no português popular

Termo francês	Variante brasileira (português caipira/matuto)
<i>En Avant Tous</i>	Anavantu
<i>En Arrière</i>	Anarriê
<i>Autefrois</i>	Outra vez
<i>Tour</i>	Giro
<i>Changer de dames</i>	Trocar de damas
<i>Changer de Chevaliers</i>	Saudar os cavalheiros
<i>Salut de General</i>	Saudar a todos
<i>Balancé</i>	Balançar
<i>Promenade</i>	Passeio
<i>Couronner les dames</i>	Coroar as damas

Fonte: Adaptado de D'Amorim e Araújo (2003).

No acompanhamento do ritual dos dias de hoje, em *Asturias*, é comum que os participantes lancem à fogueira um papel com pedidos em relação àquilo que não querem mais manter na sua vida e, ao final, com a fogueira somente em brasas, tem-se o costume de pular sobre ela, atravessando-a. Segue uma foto do ritual da apresentação na véspera de São João naquele país:

Figura 3: La foguera



Foto da autora, realizada em 24.06.2017

Segundo Cerra (1991), Juan Menéndez Pidal presenciou em Villaviciosa, no ano de 1870, o desenvolvimento da dança de roda, com abertura em todas as proximidades, na qual as pessoas se reuniam e iam preenchendo as filas para o encontro de pares através do grande círculo. Segue uma imagem do processo inicial do ensaio:

Figura 4: Passos da dança Prima



Foto da autora, realizada em 21.06.2017

Os dançarinos fazem uso de castanholas para produzir sons em conjunto com as coreografias, sendo que a diretora utiliza o pandeiro, ao mesmo tempo em que canta. Segue um registro ilustrando:

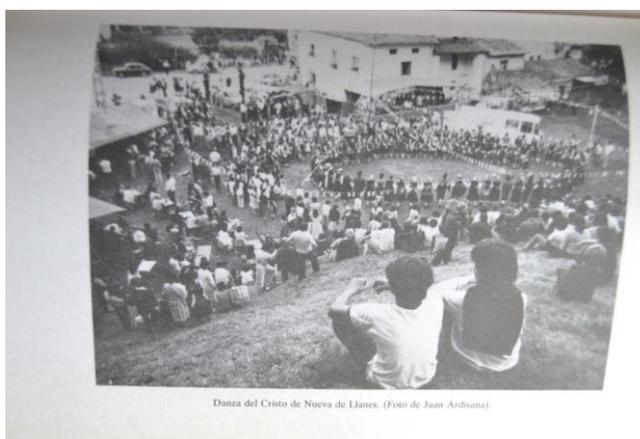
Figura 5: Elevação da castanhola



Foto da autora, realizada em 21.06.2017

Ainda de acordo com Cerra (1991), há 18 danças primas de caráter feminino conhecidas em Mieres, Aller, Riosa, Candás, Salas, Llanes, Valdés, Cudillero, Cangas del Narcea e Taverga. Dentre essas, são chamadas danças modernas de Llamo (Riosa) a dança de São Pedro de Candás, de San Pablín de Cudillero e de San Roque de Cangas del Narcea. Entretanto, só há registro da dança masculina em Casomera (Aller). Segue uma foto antiga da *Danza del Cristo* de Nueva de Llanes:

Figura 6: Registro antigo da dança Prima



Danza del Cristo de Nueva de Llanes. (Foto de Juan Ardoana)

Fonte: Cerra, 1991.

O passo da dança prima é bem formado por um só elemento: avança em direção ao centro do círculo dando um passo à frente com o pé esquerdo e logo outro com o direito, voltando na direção de trás de modo igual e caminhando sempre para a direita. Este é o modo padrão de fazê-lo, mas também podem ser encontradas danças com variantes.

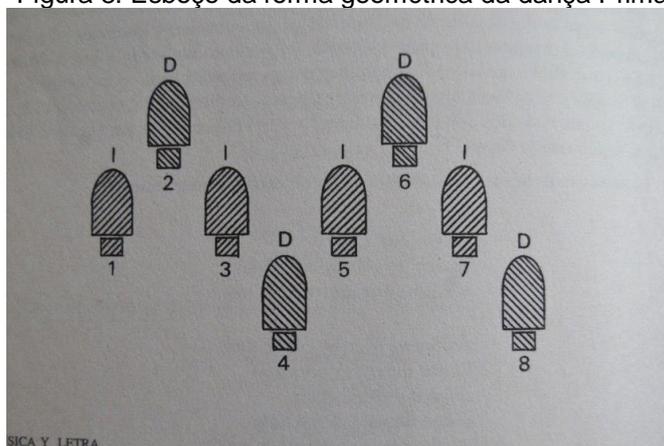
Figura 7: Encontro em círculo da dança Prima



Foto da autora, realizada em 21.06.2017

Os passos mais agitados seguem no mesmo ritmo, embora possam ser realizados, espontaneamente, com maior velocidade. Ainda assim, em todo caso, os braços conduzem o ritmo, elevando ao se avançar e baixando quando se retrocede. Segue a geometria da distribuição espacial:

Figura 8: Esboço da forma geométrica da dança Prima



Fonte: Cerra, 1991.

Figura 9: Apresentação antiga da dança Prima



Fonte: Cerra, 1991.

Figura 10: Notas musicais do início do século XX da dança Prima

DANZA DE LOS CARANQUINOS

Coro

le-les co, roun qui nos ma de con cui cla de
le-les co, roun qui nos ma de con cui cla de
le-les co, roun qui nos ma de con cui cla de

DANZA DE SAN PEDRO

Fausto Vigil. Revista "La tierrina" (1909).

117

Fonte: Cerra, 1991.

Vários estudiosos, dentre eles Tunón e Guirós, Inzenga e Fernando Carrera (*apud* CERRA, 1991) acreditam que essa dança é de origem céltica, e apontam que tal manifestação é frequente nas romarias, caracterizando-se como essencialmente comunitária e fraterna, pois tem seu caráter circular,

envolvendo o gênero masculino e feminino aliado às crianças. Essa mistura gerou constantes proibições civis e eclesiásticas relativas a se unirem os gêneros femininos e masculinos para realizarem uma dança envolvendo homens e mulheres.

Na quadrilha nordestina brasileira, que se manifesta no São João, temos a presença dos gêneros e as fileiras em cena, porém, a formação da dança é retangular, na qual os pares se encontram um de frente para o outro. Sabe-se que essa atividade recebeu influência das danças da corte francesa, estando ligada ao culto pagão em celebração à prosperidade vinda da colheita de cereais, especialmente o milho. D'Amorim e Araújo (2003) abordam esse conjunto de tradições que ainda se preserva na atualidade como pertencentes à festa junina, cujas origens provêm dos cultos agrários, nos quais eram celebrados vários deuses que pensavam existir na natureza, dentre os quais o sol, que seria o “deus” responsável pelo sucesso da colheita. Com isso, compreende-se o costume de acender fogueiras.

D'Amorim e Araújo (2003) explanam sobre os registros históricos da dança quadrilha que remontam ao século XIX, com grande apreciação na Península Ibérica (Portugal e Espanha). Na Paraíba, Pernambuco e Alagoas, é fruto das festas da zona açucareira, promovidas pelos senhores de engenho, em suas casas grandes, que reproduziam os bailes da corte. As autoras concluem que a dança, após o processo por meio do qual passou a ser admirada nos salões, foi absorvida pelas camadas populares, com função lúdica, e sofreu adaptações, envolvendo música, ritmo e instrumentos musicais, além de novos passos e coreografias. Elas detalham:

Sem acesso do povo ao piano, o acompanhamento instrumental passou a ser, inicialmente, o do acordeom, viola ou violão, conservando passos da valsa, da polca e da Mazurca. Depois, ganhou andamento mais alegre ao som de percussão, sendo introduzido o miudinho, dança de par enlaçado, brejeira, delicada, com pequenos passos, lembrando o lundu, de origem africana, sendo concluída pelo galope. (D'AMORIM; ARAÚJO, 2003, p. 46-47).

Na dança *Corri-Corri* se apresenta o ritual do desfile cívico com folhas de ramos e uma árvore de pão. Segue uma foto do momento inicial da apresentação:

Figura 11: *La Danza Corri-Corri*



Foto da autora, realizada em 24.06.2017

De acordo com Cerra (1991), trata-se de um ritual de oferenda pública à Virgem, a Cristo e aos santos por ocasião da festividade realizada todo ano. Segura-se um suporte de madeira por meio do qual carregam roscas de pão conhecidas como rosquinhas, que são adornadas com flores, ramos, entre outros enfeites. Em muitos lugares, os ramos são presença obrigatória, e muitas mulheres se vestem de forma tradicional, organizando-se em filas e cantando uma canção alusiva à manifestação folclórica ao som de tambores e pandeiretas, instrumento musical de percussão.

Figura 12: Mulheres na posição inicial para dançar *Corri-Corri*



Foto da autora, realizada em 24.06.2017

Figura 13: Árvore de roscas



Foto da autora, realizada em 24.06.2017

Ao finalizarem os atos litúrgicos, os pães são vendidos em forma de leilão. Segue um registro:

Figura 14: Leilão de roscas



Foto da autora, realizada em 24.06.2017

Cerra (1991) explica que, como todo eixo simbólico, a festa está relacionada a uma oferenda do ramo, que tem mais de um significado. De fato, para se entender uma manifestação católica, é preciso estar atento à compreensão dos seus múltiplos significados.

Na festa, o oferecimento dos ramos não é uma pura representação de um ser sagrado, visto que há uma sobreposição ampla da pura significação icônico-religiosa para alcançar uma dimensão simbólica com referência a uma identidade grupal. O santo reproduz a identidade deles: o da aldeia, o da paróquia, o do bando, o do barril e da comunidade autônoma.

Cerra (2002) argumenta também que, antigamente, as festas estavam ligadas ao ciclo agrícola, e que respondiam à reprodução social. À medida que se desnaturalizam, foram adquirindo novas funções, sendo uma delas a de criar uma essência grupal. O ritual da oferenda de ramo foi reativado no oriente asturiano por indianos emigrantes. Segue uma foto para ilustrar:

Figura 15: Ritual na antiguidade



Fonte: Cerra, 1991.

Frazer (1991) indica a existência, na Áustria, de costumes e superstições da época do verão, os quais são semelhantes aos da Alemanha. Assim, algumas partes do tirol acendem fogueiras e jogam ao ar discos iluminados. Em muitas partes da Prússia e Lituânia se acendem fogueiras muito grandes na véspera da estação do verão, e todas elas brilham até onde

pode alcançar a vista. Supõe-se que os fogos são uma proteção contra as bruxarias.

Ainda de acordo com Frazer (1991, p.54), na noite de *San Juan* celebra-se a festa com palavras amorosas, em fileira para dançar, e no ato de apresentação cantam:

! Valgame el Señor San Pedro
Y la Virgen soberana...
Valgame la Magdalena
Nuestra Señora me valga!

Mucho llueve, mucho llueve
No lo llevan los canales,
Abrem ela puerta, niña,
Que soy aquél que tú sabes

Soy de pravia, soy de Pravia
Y mi madre uma praviana
Y por eso em mí no cabe
Ninguna partida mala.

Os instrumentos mais característicos e provinciais são o tambor e a gaita céltica, havendo tamboriteros e gaiteiros de grande renome que transpassam suas respectivas paróquias.

Cerra (2002) explana que, com esses rituais, se dá satisfação à necessidade ideológica de manter a tradição, mas obviamente existe aí também um caráter socializador na realização de práticas festivas, algo que supõe um marco de integração entre nativos e forasteiros. O oriente de Asturias, onde os rituais de oferendas do ramo, cantados por mulheres, têm uma importância crucial na festa, nos oferece um cenário para se contemplar as profundas implicações existentes ao se reativar esse tipo de ritual arcaico.

A mesma autora conclui que, na atualidade, a manifestação festiva é um expoente do patrimônio cultural espanhol, com a grande função de reativar as

relações sociais e contribuir com o artesanato e o turismo, além de fomentar o intercâmbio econômico.

Percebemos, portanto, que a *Danza Prima* se aproxima no formato das danças circulares, a exemplo da ciranda e do coco de roda presentes no Nordeste brasileiro, e que são de origem afrodescendente. A quadrilha nordestina, nesse sentido, é fruto dos festejos na zona açucareira, promovidos pelos senhores de engenho em seus casarões, os quais reproduziam a seu modo as tradições dos bailes da corte, mantendo, assim, relação histórica direta com outras manifestações aqui apresentadas.

Referências

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Grupo Editora Global, 2012.

CERRA, Yolanda. La hoguera, um árbol ritual. In: **Bedoniana, IV, Aluïzoras**. Oviedo: Llibros, 2002. p. 130-140.

CERRA, Yolanda. **Bailes e danzas tradicionales en Asturias**. Oviedo: Instituto de estudios asturianos (IDEA), 1991.

D'AMORIM, Elvira; ARAÚJO, Dinalva. **Do lundu ao samba: pelos caminhos do coco**. João Pessoa: Idéia; Arpoador, 2003.

FRAZER, James G. **La Rama Dorada: un estudio sobre magia y religión**. Campuzano, México; Buenos Aires: Fondo de cultura económica; Silverio Cañada Editor, 1980.

INDURÁIN PONS, Jordi. Acerbo García, Sofia. **Espanhol – Esencial: Dicionario de la lengua española**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

MENÉNDEZ DE LA TORRE, Herminia; QUINTANA LOCHÉ, Eduardo. **Las ofrendas ramos em Asturias**. Gijón: Muséu del Pueblu d'Asturies, 2005.

A fonte abaixo foi fornecida pelo grupo *Folklórico Trebeyu* na apresentação da dança prima em noite de São João no dia 24.06.2017

ANEXO

DANZA PRIMA

¡Ay! Un galán de esta villa
¡Ay! Un galán de esta casa (bis)
Ay un galán de esta villa
La molinera trillaré
Ay un galán de esta casa
Qué bien trilladito está

¡Ay! Él por aquí venía
¡Ay! Él por aquí llegaba (bis)
La molinera

¡Ay! Diga los que él quería
¡Ay diga lo que él buscaba(bis)
La molinera

¡Ay! Buscó a la blanca niña
¡Ay! Buscó a la niña blanca (bis)
La molinera

La que el cabello tejía
La que el cabello trezaba (bis)
La molinera

Que tiene voz delgadina
Que tiene la voz delgada (bis)
La molinera

¡Ay! Que no la hay n´esta villa
¡Ay! Que no la hay n´esta casa (bis)
La molinera

Si no era un mi prima
Si no una prima hermana (bis)
La molinera

¡Ay! De marido pedida
¡Ay! De marido velada (bis)
La molinera

¡Ay! La tiene allá en Sevilla
¡Ay! La tiene allá en Granada
La molinera

¡Ay! Bien qu óra la castiga
¡Ay! bien que la castigaba
La molinera

¡Ay! Con varillas de oliva
¡Ay! Con varillas de malva
La molinera

¡Ay! Que su amigo la espera
¡Ay! Que su amigo la aguarda
La molinera

¡Ay! El que le dio la cinta
¡Ay! El que le dio la saya
La molinera

Al pie de la fuente fría
Al pie de la fuente clara
La molinera

Que por el oro corría
Que por el oro manaba
La molinera

Ya su buen amor venía
Ya su buen amor llegaba
La molinera

Por donde ora el sol salía
Por donde ora el sol rayaba
La molinera

Y celos le despedía
Y celos le demandaba
La molinera

